

# Exposição: arqueologia da imagem

*Exhibit: image archeology*

*Exposición: arqueología de la imagen*

## Curadoria

### **Eurípedes Gomes Da Cruz Júnior**

Doutor em Museologia e Patrimônio pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/ Museu de Astronomia e Ciências Afins (Unirio/Mast) - Rio de Janeiro, RJ - Brasil.

Museólogo do Museu Nacional de Belas Artes (MNBA) - Instituto Brasileiro de Museus/ Ministério da Cultura (IBRAM/MinC) - Rio de Janeiro, RJ - Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/0523463523758180>

E-mail: euripedes.junior@museus.gov.br

### **Luiz Carlos Mello**

Diretor do Museu de Imagens do Inconsciente (MII) - Rio de Janeiro, RJ - Brasil. Autor do livro Nise da Silveira: caminhos de uma psiquiatra rebelde.

E-mail: luizmello@mii.org.br

Publicado em: 12/10/2018.

## APRESENTAÇÃO

O trabalho da doutora Nise da Silveira é uma experiência inovadora no estudo das imagens. Aliando rigor científico a uma humanidade profunda, ela nos legou uma instituição única: o Museu de Imagens do Inconsciente, que com suas mais de 350 mil obras constitui patrimônio que ultrapassa as fronteiras de nosso país.

Coleções similares foram constituídas em outros lugares do mundo. Entretanto, foi no modesto subúrbio de Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, onde Nise desenvolveu um método interdisciplinar de leitura das imagens, que atraiu a atenção de artistas, profissionais, pesquisadores e estudiosos dos mais diversos campos do saber e de todos os lugares do mundo.

Como resultado, vislumbramos através dessa leitura riquezas insuspeitadas, vivências profundas, testemunhos de dramas experienciados pela espécie humana ao longo dos milênios.

É um pequeno recorte dessas experiências que apresentamos na exposição. O estudo das imagens circulares foi um dos primeiros desafios enfrentado pela doutora Nise no acervo do museu.

Essas imagens contradiziam as afirmações da psiquiatria tradicional, que ressalta, nos transtornos mentais, as características de desordem, fragmentação, dissociação.

Para compreendê-las, Nise da Silveira recorreu a C. G. Jung. Esse encontro trouxe fundamentação teórica para seu método de leitura de imagens e foi responsável pela introdução da psicologia junguiana no Brasil.

Arqueologia da Psique é o título de uma das últimas pesquisas realizadas por ela e seus colaboradores. A emergência, em nossos dias, de imagens cujos conteúdos e símbolos fazem parte da história humana em diferentes épocas e locais comprova a historicidade e atemporalidade da psique. Esses estudos transbordam os limites dos campos da medicina e da saúde, vindo derramar-se nos territórios da ontologia no sentido heideggeriano, fecundando nossas multiplicidades existenciais.

Para saudar a 1ª Bienal Nacional de Imagens na Ciência, Arte, Tecnologia, Educação e Cultura, nada mais apropriado do que este trabalho pioneiro, em que a transcendência da imagem vem revelar, como diz Artaud, os nossos “inumeráveis estados do ser”.

ARQUEOLOGIA DA IMAGEM

### O Museu de Imagens do Inconsciente

**P**or não aceitar as formas de tratamentos psiquiátricos em uso na época, como o eletrochoque, a lobotomia, o coma insulínico, a psiquiatra Nise da Silveira cria em 1946, no Centro Psiquiátrico Nacional, no Rio de Janeiro, a Seção de Terapêutica Ocupacional. Dentre as 17 atividades diferentes, a produção dos setores de pintura e modelagem se destacou como um meio de acesso ao mundo interno dos pacientes. A produção desses ateliês foi tão abundante que em 1952 nasceu o Museu de Imagens do Inconsciente.

O Museu é um centro vivo de estudo e pesquisa sobre as imagens e tem caráter marcadamente interdisciplinar, o que permite troca constante entre experiência clínica, conhecimentos teóricos de psicologia e psiquiatria, antropologia cultural, história, arte, educação.

Ao longo de sua existência o Museu realizou exposições no Brasil e no exterior, cursos, filmes, publicações, no intuito de divulgar os conhecimentos científicos sobre os processos que se desdobram nas profundezas da mente humana. Ao mesmo tempo, este trabalho possibilitou o surgimento de artistas que logo foram reconhecidos no mundo das artes.



Nise da Silveira no Centro Psiquiátrico Nacional, em 1946



O artista Raphael Domingues pintando no ateliê



A coleção do Museu de Imagens do Inconsciente originou-se da produção dos ateliês de pintura e modelagem

Imagem Reproduzida de: Nise da Silveira, Centro Psiquiátrico Nacional, Museu de Imagens do Inconsciente

ARQUEOLOGIA DA IMAGEM

### O Museu de Imagens do Inconsciente

**M**useu não é uma instituição voltada para o passado: em seus ateliês expressivos os frequentadores diariamente criam novos documentos plásticos e compartilham suas experiências no convívio com funcionários, animais, estudantes, pesquisadores e visitantes. Com isso seu acervo não cessa de crescer e se atualizar, reunindo hoje mais de 355 mil obras sendo as principais coleções tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

O Museu tem a maior e mais diferenciada coleção do gênero no mundo. Documentando importante período da história da ciência e da cultura, seu estágio de organização e pesquisa é uma referência que o faz constituir-se em um genuíno patrimônio da humanidade.

O grande interesse despertado por este patrimônio, aliado ao amplo espectro de pesquisas que seu acervo permite, faz do Museu de Imagens do Inconsciente uma instituição com um potencial de crescimento inigualável, em especial para o desenvolvimento de ações ligadas à inclusão e desenvolvimento social aliado aos novos conceitos de saúde cultural e sustentabilidade.



O ateliê de pintura hoje



O espaço de liberdade do ateliê possibilitou o aparecimento de grandes artistas

Raphael Domingues, década de 1940, semântica de papel, 48 x 31 cm



As exposições do Museu sempre atraem um grande público



Emílio de Barros, 1971, óleo/papel, 36 x 55 cm

Imagem Reproduzida de: Nise da Silveira, Centro Psiquiátrico Nacional, Museu de Imagens do Inconsciente

ARQUEOLOGIA DA IMAGEM

Mandala

A psiquiatria sempre destacou a cisão das funções psíquicas como uma das características mais importantes das pessoas diagnosticadas como esquizofrênicas. Essa cisão aparecia nas produções do ateliê de pintura. Mas, surpreendentemente, com as habituais desintegrações de formas, imagens circulares ou tendendo ao círculo, algumas irregulares, outras de estrutura bastante complexa e harmoniosa, impunham sua presença na produção espontânea dos frequentadores do ateliê.

Esta coleção depressa subiu a centenas de imagens. Então a Dra. Nise da Silveira escreveu uma carta a C. G. Jung enviando algumas fotografias e perguntando se essas imagens eram realmente mandalas, e em caso afirmativo como interpretar seu aparecimento na produção de indivíduos com a psique cindida.



Carlos Perais, 1940  
óleo/papel, 37 x 42 cm



Fernando Duarte, 1957  
óleo/papel, 33 x 48 cm



Carlos Perais, 1958  
óleo/tafo, 60 x 50 cm



Adelina Gomes, 1960  
óleo/papel, 33 x 47 cm



Emegildo de Barros, 1968  
óleo/papel, 25 x 40 cm

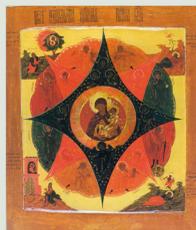
Reprodução autorizada da coleção "Cidade de São Paulo" do Museu de Imagem do Inconsciente.

ARQUEOLOGIA DA IMAGEM

Mandala

A palavra sânscrita mandala significa *círculo*. Na esfera das práticas religiosas e em psicologia refere-se a imagens circulares que são desenhadas, pintadas, modeladas e dançadas. Como fenômeno psicológico aparece espontaneamente em sonhos, em certas situações de conflito e em casos de esquizofrenia. Isso é evidentemente uma tentativa de *autocura* que não se origina da reflexão consciente mas de um impulso instintivo.

C. G. Jung



Mandala cristã representando uma sarsa ardente. Rissin, séc. 18



Muitas cidades desenhadas pelo homem têm forma mandálica. Vista aérea de uma vila de pescadores no México, em uma lagoa do Oceano Pacífico



Mandala hinduísta. Escola de pintores da seita Nyjing-ma-pu, Tibete.



Erwin Dan Osen  
A Finest of the inner, 1959  
óleo/tafo, 90 x 90 cm

Reprodução autorizada da coleção "Cidade de São Paulo" do Museu de Imagem do Inconsciente.

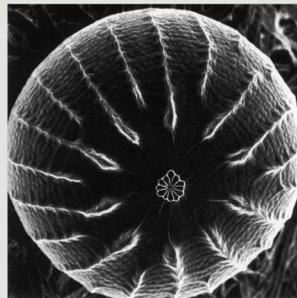
ARQUEOLOGIA DA IMAGEM

Mandala

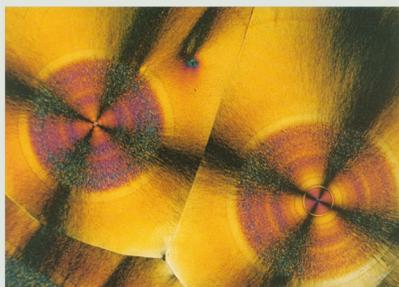
**A** mandala é um padrão imagético que pode ser encontrado na natureza, nos elementos da matéria, nos mundos vegetal e animal, tanto quanto nos objetos criados pelo homem e sua psique.



Fossil de um segmento de pepino do mar fotografado com microscópio eletrônico, aumentado 190 vezes.



Oso de mariposa fotografado com microscópio eletrônico, aumentado 190 vezes.



Cristal de vitamina C, ampliado 125 vezes.

Imagem: Museu de Imagens do Inconsciente

ARQUEOLOGIA DA IMAGEM

Arqueologia da Psique

**E** estudo comparativo entre obras plásticas do Museu de Imagens do Inconsciente e achados arqueológicos ou históricos.

Aquele que estudar a psique em profundidade verificará, muitas vezes surpreendido, estreitas semelhanças entre conteúdos emergentes do inconsciente de indivíduos contemporâneos, por meio da expressão plástica livre, e achados da ciência arqueológica.

*Nise da Silveira*

*As figuras de Adelina caracterizam-se por um arcaísmo que logo faz pensar nas densas mãos da Idade da Pedra*



Cultura Tene, Ítalo-estrépe, 5000 A.C.

Adelina Gomes - Cópia de moldagem em barro, Década de 50



Escultura em terracota, Monte Plakou-Creta, Neolítico

Adelina Gomes - Cópia de moldagem em barro, Década de 50

*A Barca do Sol, símbolo da vida e do renascimento*



Octavio Iguacé, 1980  
lápiz cerul/papel, 55x37cm

Deus-Ra e a Barca do Sol, Detalhe de um papiro da XIX Dinastia egípcia, 1300 A.C.

Imagem: Museu de Imagens do Inconsciente

ARQUEOLOGIA DA IMAGEM

## Arqueologia da Psique

**D**o mesmo modo que o corpo humano é um agrupamento completo de órgãos, cada um o termo de longa evolução histórica, também devemos admitir na psique organização análoga. Tanto quanto o corpo, a psique não poderia deixar de ter sua história.

C. G. Jung

Grupo de pessoas celebra um culto de adoração à serpente. A ideia de transformação e renovação por intermédio da serpente tem fundamentos arqueológicos que podem ser encontrados, com frequência, na história da humanidade. Animal que muda de pele e se renova, a serpente é também utilizada em rituais como instrumento de regeneração.



Carlos Perrotti, 1951  
desolpapel, 49 x 51 cm



Sacrifício Jona a divindade serpente.  
Píxide Xantos – Séculos, Boécia,  
região da Grécia, 350 A.C.



Olavo Fialho, 1967  
gusche e desolpapel, 32 x 43 cm

Os mitos são primários e antes de tudo expressões simbólicas de dramas internos, inconscientes que revelam a natureza da psique. O tema do dragão-baleia é uma das mais antigas e universais variações do mito do herói.

Pássaro de asas abertas dentro de círculo formando uma quaternidade.  
No centro, o coração, símbolo da subalteria do sentimento.



Octavio Ignezio, 1972  
líqu cerulopapel, 27 x 35 cm



Águia como símbolo do espírito elevando-se da matéria-prima. Ilustração alquímica, séc. XVIII.



Jonás salvado da baleia. Bíblia latina do século XV.  
Biblioteca Nacional de Paris.